

O "MOCINHO":

um Vitorioso em Todo o Mundo

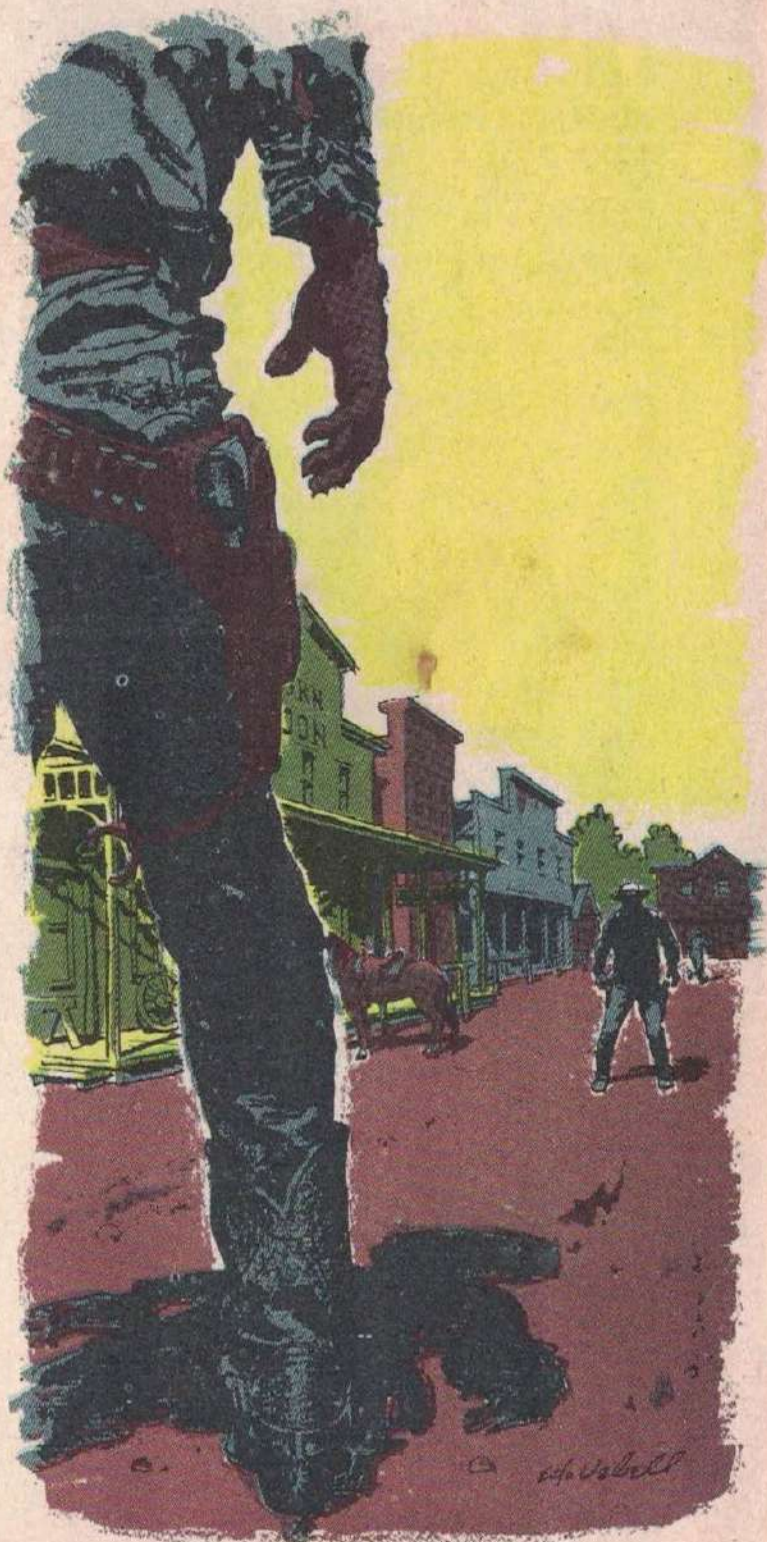
John Reddy



QUELA MÔÇA DE safões sacolejando-se num cavalo é sem dúvida alguma Jayne Mansfield, e a cidadezinha ensolarada parece uma aldeia típica do velho Oeste. Mas a platéia que assiste a essas piruêtas é da Espanha.

O homem de prêto que galopa num cavalo branco é Hopalong Cassidy, não há dúvida, mas quando êle grita "Passaram por ali!", o que se ouve é "Yatsura atchi e itta", pois se trata de Hopalong na televisão japonesa. Os índios pintados que galopam em volta dos *cowboys* sitiados são Sioux verdadeiros, mas a platéia que acompanha de olhos arregalados o "massacre" (especialmente importado dos Estados Unidos) é formada por visitantes europeus à Feira Mundial de Bruxelas no ano passado.

Tudo isso são manifestações de um fenômeno crescente: o Oeste ameri-



cano, em tôdas as suas formas de entretenimento, está invadindo o globo. Na televisão japonêsa, que se acha em franco desenvolvimento, com mais de um milhão e meio de receptores, filmes como *Frontier*, *Hopalong Cassidy* e *Brave Eagle* são franco-favoritos. O onipresente Hopalong é também bastante popular na França, Alemanha, Áustria e Inglaterra. Filmes americanos de *cowboys* enchem 60% de todos os programas de televisão nas Filipinas, enquanto Gene Autry é o ator de maior público no Japão e na Suécia. (The Westerners, uma organização destinada a estimular o interêsse pelo Oeste, tem filial em Liverpool e Paris.) Até os russos exibem filmes de *cowboy*, diz Bob Hope, que esteve recentemente na União Soviética. A única diferença, diz êle, é que os russos torcem pelos índios.

O Oeste americano começou a ganhar forma literária por volta de 1849, quando da Corrida do Ouro na Califórnia. Os iniciadores foram escritores como Bret Harte e Mark Twain, que estiveram presentes, e a moda propagou-se com grande rapidez por outros, muitos dos quais nunca foram além de Filadélfia, mas compensaram com a imaginação o que lhes faltava em viagens.

Zane Grey, prolífico romancista do Oeste, era dentista em Nova York. O. Henry, criador de Cisco Kid, também era de Nova York. Owen Wister, que em 1902 escreveu *The Virginian*, o pai incontestado de todos êles, era de Filadélfia.

O mais alto expoente do tempestuoso romance popular foi E. Z. C. Judson, que viera do Estado de Nova York e escrevia histórias de aventura com o pseudônimo de Ned Buntline. Em 1869 êle foi ao Oeste à procura de assunto e encontrou um manancial num batedor do exército, simpático e falador, chamado William Cody. Cody logo apareceu em um romance popular com o nome de Buffalo Bill—e uma legião de escritores lançou 1.700 romances populares de Buffalo Bill.

Buntline resolveu aproveitar o sucesso de suas histórias de Buffalo Bill escrevendo uma peça para êle e Cody. A peça, *Os Batedores das Campinas*, foi estreada em Chicago em 1872, com o supostamente indômito Buffalo Bill tremendo de acanhamento diante da platéia. Porém, a despeito da condenação dos críticos, a peça foi um estrondoso sucesso.

Essa peça abriu caminho para os espetáculos ao ar livre, nos quais Buffalo Bill, em companhia de búfalos, índios e atiradores exímios, entrou a galope para a glória. Essas funções ao ar livre fizeram tal sucesso que Buffalo Bill chegou mesmo a encenar um espetáculo de gala para a Rainha Vitória em Londres, em 1887.

Os filmes de "mocinho" tiveram o seu humilde comêço em 1903 com *The Great Train Robbery* ("O Grande Roubo do Trem"). Entre os participantes figurava um ator obscuro de nome Gilbert Anderson, que fêz

cinco papéis diferentes, mas foi proibido de montar a cavalo depois que o diretor o viu procurando montar do lado errado. Apesar de ter iniciado com o pé esquerdo (no sentido literal da expressão), "Bronco Billy" Anderson chegou a ser o primeiro astro dos filmes de mocinho.

Seguiram-se maiores e melhores filmes e heróis: William S. Hart, um austero ex-intérprete de Shakespeare; o acrobático Tom Mix; Will Rogers, o vaqueiro cujo espírito simples fez dele um dos mais queridos americanos de todos os tempos; os *cowboys* cantores, Gene Autry e Roy Rogers; e finalmente astros como John Wayne e Gary Cooper em filmes "adultos" sobre o Oeste americano como *Stage Coach* ("No Tempo das Diligências") e *High Noon* ("Matar ou Morrer").

Em princípios de 1930 o Oeste tornou-se uma forma popular de programas de rádio. O assalto à televisão pelos *cowboys* do rádio e do cinema foi comandado por Hopalong Cassidy. A história de Hopalong e seu intérprete, William Boyd, é tão cheia de improbabilidades como a de qualquer enredo imaginado por Clarence Mulford, o novelista que criou o seu invencível herói do Oeste nas amplas vastidões de Brooklyn. Boyd, hoje com 63 anos e cabelos brancos, estava encostado e era considerado fora do baralho em 1935, quando lhe deram o papel de Hopalong em uma série de filmes. O sucesso não foi grande, e Boyd obteve os direitos de televisão. Estava falido

quando alugou o seu primeiro filme a uma emissora de televisão de Los Angeles em 1948. O súbito aparecimento daquele arrojado homem de preto montado em seu cavalo branco a perseguir vilões pelas montanhas iniciou uma nova era.

Num abrir e fechar de olhos os antigos filmes de Boyd estavam sendo exibidos em 60 estações de televisão; ele tinha um programa em 151 estações de rádio e os produtos Hopalong, desde revólveres de ar comprimido a sabonetes, estavam rendendo 100 milhões de dólares por ano. Hoje, dez anos depois, Hopalong está um pouco em declínio nos Estados Unidos, mas seus 106 filmes, dobrados em francês, alemão, espanhol e japonês, estão agora dando volta ao redor do mundo.

O caráter do filme de *cowboy* mudou muito desde os antigos sujeitos bons de chapéu branco e os tipos maus de chapéu preto e barba pontuda. De William Hart a Gene Autry, o herói do Oeste era sempre o mesmo escoteiro grande, que não bebia nem fumava, nunca beijava a filha do fazendeiro, nem precisava recarregar o revólver, mesmo que o disparasse 66 vezes. Os heróis de hoje devem mais a Freud do que a Zane Grey.

Nos filmes antigos o herói era um sujeito sem complicações, que esvaíava o bar porque o vilão zombava quando ele pedia um refrêscos. Nos filmes de televisão de hoje o herói atira entre os olhos de alguém porque, atrás de sua aparência calma, ele

tem uma personalidade esquizóide.

Uma das maiores transformações por que passaram os filmes de mocinho é o tratamento dado hoje a índios e mexicanos, que antigamente eram dizimados sem mais aquela. Hoje o herói de *The Cisco Kid* é

mexicano e o de *Broken Arrow* é índio.

—O preço dos índios subiu muito —queixou-se William Boyd recentemente.—Antigamente eu arranjava uma tribo inteira por quase nada. Hoje estão todos sindicalizados.

NUMA VISITA ao salão de exposição da Rolls-Royce em Londres, Sir Ralph Richardson mencionou o fato de os anúncios da empresa afirmarem que a 100 km/h o único som que se ouve no Rolls-Royce é o tique-taque do relógio.

—Nosso presidente—disse o vendedor com um suspiro—leu isso na reunião da diretoria e disse: “Senhores, precisamos dar um jeito nesse raio de relógio.”

—Leonard Lyons

A Grande Terra do Desperdício

LATAS. Latas de cerveja. Cintilando à margem de um milhão e meio de quilômetros de estradas de rodagem norte-americanas, brilhando ao sol, ao luar, ou sob o clarão dos faróis, à noite; varridas pela chuva ou amassadas por rodas, mas nunca embaciadas, nunca enterradas, nunca destruídas. Eis a marca de selvagens, legado de esbanjadores, mancha da prosperidade.

Quem são êsses homens que desfilam pelas bordas relvadas das estradas e veredas dos Estados Unidos, que poluem seus lagos, que conspurcam a pureza de suas praias oceânicas com o vasilhame vazio de sua sede? De que espécie são êsses homens que tornam suas cidades horrendas com gás néon à noite e suas estradas horrendas com cartazes de dia, desperdiçando beleza; que estrangulam a vida nos rios, regatos e lagos com os resíduos de sua produção, transformando a água em veneno?

Lentamente, os esbanjadores e despojadores dos Estados Unidos estão empobrecendo sua terra, de maneira tal que não haverá uma praia, uma colina, uma vereda, uma campina, uma floresta livre dos despojos do homem e do estigma de sua improvidência.

E que é que os norte-americanos deixarão para trás muito depois de terem morrido? Templos? Âncoras? Tesouros enterrados? Ou montanhas de aço retorcido, enferrujado, vales cheios de vasilhame de matéria plástica e quilômetros de praias engrinaldadas não com os belos destroços atirados pelo mar, mas com as latas, garrafas e caixas de um povo que conservou sua comodidade à custa de sua herança.

—Do livro de Marya Mannes “*More in Anger*” publicado por Lippincott